

João Pessoa (PB) e Aracaju (SE): sobre processos de modernização e Arquitetura Moderna

Carolina Chaves

Carolina Chaves. João Pessoa (PB) e Aracaju (SE): sobre processos de modernização e Arquitetura Moderna. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 158-179, jan./out. 2017

data de submissão: 16/10/2016

data de aceite: 26/04/2017

Carolina Chaves é Mestre em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo; professora efetiva do DAU-UFS; carolinamchaves@gmail.com

Resumo

As décadas de 1950 e 1960 representam importante momento de desenvolvimento para o país, no qual cidades médias passaram por intenso processo de modernização impulsionado por um projeto desenvolvimentista que teve particular repercussão na região Nordeste. O discurso desenvolvimentista que impulsionou os processos de modernização de muitas capitais nordestinas estava assente em imagens como o automóvel, o arranha-céu e a difusão do vocabulário da arquitetura moderna no Brasil. Cidades como João Pessoa e Aracaju promoveram importantes transformações urbanas que visavam legitimar uma condição de progresso e modernidade criando novos eixos de expansão urbana, erguendo prédios altos e renovando a paisagem urbana através da recepção de elementos como telhados borboletas, volumes prismáticos e pilares em "V". A presente comunicação visa analisar, as possíveis aproximações entre o discurso e os processos de modernização realizados nessas capitais nordestinas. O foco desta comunicação ajusta-se ao processo de difusão e recepção da arquitetura moderna no Brasil dentro do recorte temporal já mencionado, através de uma análise comparativa entre a produção dessa arquitetura nas cidades de João Pessoa e Aracaju. A produção de arquitetura moderna em João Pessoa está, em alguma medida, vinculada à atuação de profissionais vindos de Recife (PE) como Acácio Gil Borsoi e à formação de arquitetos paraibanos pela Escola de Belas Artes de Pernambuco, além da vida intelectual e cultural desta capital. Por outro lado, a produção de arquitetura moderna em Aracaju embora tenha sido realizada em grande medida através da atuação de desenhistas e engenheiros, apesar da proximidade de Salvador (BA), outro importante centro cultural no Nordeste, apresenta elementos de um mesmo vocabulário moderno – um processo que se intensificou Pós-Brasília. Assim, como circularam as ideias que impulsionavam o desejo e a busca por processos de modernização e por uma dada imagem de modernidade em duas capitais nordestinas de porte médio?

Palavras-chave: Modernização. Arquitetura Moderna. João Pessoa (PB). Aracaju (SE).

Abstract

The 1950s and 1960s represent an important moment of Brazilian development, in which medium-sized cities went through an intense process of modernization driven by a developmental project that has particular impact in the Northeast. The development discourse propelled the modernization process of many northeastern capitals was based on symbols such as the automobile, the skyscraper and the spread of the vocabulary of modern architecture. Cities like João Pessoa and Aracaju promoted important urban transformations aimed at legitimizing a condition of progress and modernity



creating new axes of urban expansion, erecting tall buildings and renewing the urban landscape through the receiving architectural elements such as butterflies roofs, prismatic volumes and pillars "V". This communication aims to analyze the possible approaches between the discourse and modernization processes performed in these northeastern capitals. The focus of this communication sets the process of diffusion and reception of modern architecture in Brazil within the time frame mentioned above, through a comparative analysis of the production of this architecture in the cities of João Pessoa and Aracaju. The production of modern architecture in João Pessoa is, to some extent, related with architects from Recife making projects to clients in João Pessoa (e.g. Acácio Gil Borsoi) and architects from Paraíba graduated by the School of Fine Arts of Pernambuco, in addition to the intellectual and cultural life of this capital. On the other hand, the production of modern architecture in Aracaju although it was carried out largely through the work of designers and engineers, despite the proximity of Salvador (BA), another important cultural center in the Northeast, has elements of the same modern vocabulary - a process which was intensified Post-Brasília. So, how circulated the ideas that drove the desire and the search for modernization, that resulted in a certain image of modernity in two northeastern capital midsized?

Keywords: Modernization. Modern Architecture. João Pessoa (PB). Aracaju (SE).

Resumen

Las décadas de 1950 y 1960 representan un importante momento de desarrollo para el país, en el cual ciudades intermedias pasaron por intenso proceso de modernización, impulsados por un proyecto desarrollista que tuvo particular repercusión en la región Noreste. El discurso desarrollista que impulsó los procesos de modernización de muchas capitales de noreste estaba fundamentado en imágenes como la del automóvil, del rascacielo y la difusión del vocabulario de la arquitectura moderna en Brasil. Ciudades como João Pessoa y Aracaju promovieron importantes transformaciones urbanas que visaban legitimar una condición de progreso y modernidad creando nuevos ejes de expansión urbana, a partir de la construcción de edificios altos y de la renovación del paisaje urbano, a través de los elementos de recepción como techos mariposas, volúmenes prismáticos y pilares en "V". El presente trabajo tiene el objetivo de analizar las posibles aproximaciones entre el discurso y los procesos de modernización realizados en las ciudades mencionadas. El enfoque de este estudio se ajusta al proceso de difusión y recepción de la arquitectura moderna en Brasil dentro del recorte temporal mencionado anteriormente, a través de un análisis comparativo de la producción de esta arquitectura en las ciudades de João Pessoa y Aracaju. La producción de la arquitectura moderna en João Pessoa es, en cierta medida, vinculada a los resultados procedentes de los profesionales de Recife (PE) como Acacio Gil Borsoi y la formación de los arquitectos de Paraíba por la Escuela de Bellas Artes en Pernambuco, además de la vida intelectual y cultural de esta capital. Por otro lado, la producción de la arquitectura moderna en Aracaju aunque se llevó a cabo en gran medida a través del trabajo de los diseñadores e ingenieros, a pesar de la proximidad de Salvador (BA) otro importante centro cultural en el noreste, tiene elementos de un mismo vocabulario moderno - un proceso que se intensificó Post-Brasília. Por lo tanto, como se hace circular las ideas que impulsaron el deseo y la búsqueda por procesos de modernización y de una determinada imagen de la modernidad en dos ciudades del noreste brasileño de tamaño medio?

Palabras-clave: Teoría de la restauración, arquitectura moderna, Italia.

Cidades Médias¹ Nordestinas: João Pessoa (PB) e Aracaju (SE) 1950's-1960's.

João Pessoa (PB) e Aracaju (SE) nasceram em circunstâncias temporais distintas, enquanto a primeira está inserida no processo inicial de demarcação e ocupação do território nacional ainda no período colonial (1585), a segunda surge dentro de um processo de modernização nacional no período do Império (1855). Enquanto os processos de modernização de meados do século XIX representavam, para João Pessoa, a remodelação de seu traçado urbano existente e a expansão de sua malha urbana, para Aracaju, significava seu nascimento sobre um tabuleiro de xadrez (o Quadrado de Pirro) em detrimento da irregularidade do traçado das cidades coloniais de São Cristóvão (1590) e Laranjeiras (1605).

Embora tenham nascido em circunstâncias distintas, em particular pelo intervalo temporal, ambas coincidem na sua relação com o Rio² como importante meio de escoamento da produção local e, mais tarde, no desejo de remodelação de seu traçado em um processo de depuração do “velho” em favor do “novo”. Assim, se em uma capital a remodelação ocorre apagando o velho e executando um novo traçado, em outra o antigo é geograficamente abandonado para criação do novo em novo território. O ímpeto pelo novo também será o propulsor das transformações urbanas e arquitetônicas de meados do século XX, impulsionado ainda por um plano de desenvolvimento e modernização nacional.

O Brasil iniciou um importante processo de modernização durante o governo de Getúlio Vargas, ainda na década de 1930, período que também representou importante momento para a produção de Arquitetura Moderna no Brasil e que está, claramente, vinculado ao processo de industrialização do país iniciado algumas décadas antes. Nesse momento, a modernidade apresentava-se através da máquina, bem como do progresso positivo através da tecnologia: equipar com máquinas modernas os sistemas de radiodifusão no país, as máquinas sendo naturalizadas na vida cotidiana (o rádio, o bonde elétrico, o dirigível, o vôo de avião etc).

Esse período representou um intenso processo de desenvolvimento dos pequenos centros e um primeiro momento de crescimento da urbanização brasileira que entre 1890-1920 passou de 6,8% a 10,7% (au-

¹ Segundo IPEA “não existe uma idéia consensual do que seriam as cidades médias. Essa inexistência de consenso também ocorre no meio técnico-científico, onde, literalmente, não há uma definição cristalizada de cidade média” (FILHO, O; SERRA, R. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional, disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/capitulo1_evolucao.pdf). Considera-se aqui, cidade média como sendo os centros urbanos brasileiros que chegaram até a década de 1950 com uma população entre 70 mil e 500 mil habitantes.

² O território que hoje conforma a cidade de João Pessoa começou a ser ocupado às margens do Rio Sanhaú, assim como a cidade de Aracaju nasce às margens do Rio Sergipe. A fundação da cidade de Aracaju, em 1855, foi fortemente influenciada pela possibilidade de construção de um porto mais moderno e de maior capacidade para escoar a produção local, em detrimento do porto na cidade de Laranjeiras ou o pequeno e pouco acessível porto de São Cristóvão.

mento de quatro pontos), enquanto que entre 1920-1940 esse crescimento vai para 31,24% que representa um aumento de 21 pontos (SANTOS, 1993, p.22). Esse processo de urbanização terá um novo impulso após os anos de 1950 com a política desenvolvimentista posta em prática por Juscelino Kubitschek, cujo projeto político materializou-se na construção de Brasília. As ações da política econômica desenvolvimentista, investindo e incentivando a produção industrial, intensificou o processo migratório campo-cidade, aumentando a população urbana e exigindo novas ações sobre o espaço das cidades.

³ Segundo dados do IBGE (1971), a população em **João Pessoa (PB)** entre 1890-1920 passou de 24.714 hab para 52.990 hab; 1920-1940 passou de 52.990 hab para 94.333 hab, aumento populacional de 78%; 1940-1960 passou de 94.333 hab para 155.117 hab, aumento populacional de 64%; em 1970 passou para 228.418 hab. Em **Aracaju (SE)**, a população entre 1890-1920 passou de 9.559 hab para 37.440 hab; 1920-1940 passou de 37.440 hab para 59.031 hab, aumento populacional de 57%; 1940-1960 passou de 59.031 hab para 115.713 hab, aumento populacional de 97%; 1970 passou para 186.838 hab.

O aumento populacional³ registrado nas cidades de João Pessoa e Aracaju entre 1920 e 1960 mostra o intenso afluxo de pessoas e a ocupação desses municípios, ambas ultrapassaram os 100 mil habitantes no intervalo entre 1940-1960. Para Aracaju esse incremento populacional foi motivado, especialmente, pela descoberta de petróleo no estado em 1963 e a fixação da Petrobrás em Aracaju. Essa descoberta representou um divisor de águas na economia deste município implicando em maiores divisas, maior população urbana e aquecimento do setor de construção civil.

A política desenvolvimentista iniciada por JK incluiu medidas fundamentais para o desenvolvimento do Nordeste através da criação e atuação da SUDENE (1959) que viria a atuar ativamente no desenvolvimento da região a partir da década de 1960. A indústria do Turismo, ou o que seriam as primeiras ações para a consolidação da mesma, trouxe importantes reverberações em várias capitais nordestinas estimulando a construção de hotéis para o turismo a fim de dinamizar a economia local e o desenvolvimento regional, como no Nordeste. Em João Pessoa foi construído, com projeto do arq. Carioca Sérgio Bernardes, o Tropical Hotel Tambaú (1968) e em Aracaju, o Hotel Palace (1962), projeto do engenheiro baiano Rafael Grimaldi. Ambos os projetos são exemplos de arquitetura inseridos na produção de arquitetura moderna no Brasil e são recebidas em suas respectivas cidades como importantes símbolos de progresso e de modernidade.

O relevante aumento populacional entre as décadas de 1920-1940 e de 1940-1960 foram marcados por processos de modernização urbana cujo discurso sustentava-se na construção de uma "metrópole". Assim, as ações de remodelação urbana, definição e consolidação de novas áreas de expansão urbana, assim como a incorporação de uma nova arquitetura à paisagem urbana eram motivadas pelo desejo de progresso e desenvolvimento que conduziria às cidades

médias em desenvolvimento almejar o título de “metrópole”. Nos anos de 1950 os símbolos dessa modernidade eram o automóvel, a autopista, o sistema rodoviário, o viaduto, o edifício alto e a arquitetura moderna, e a nova capital federal deu novo fôlego a esse processo, cujo otimismo vai até a eclosão do Golpe Militar.

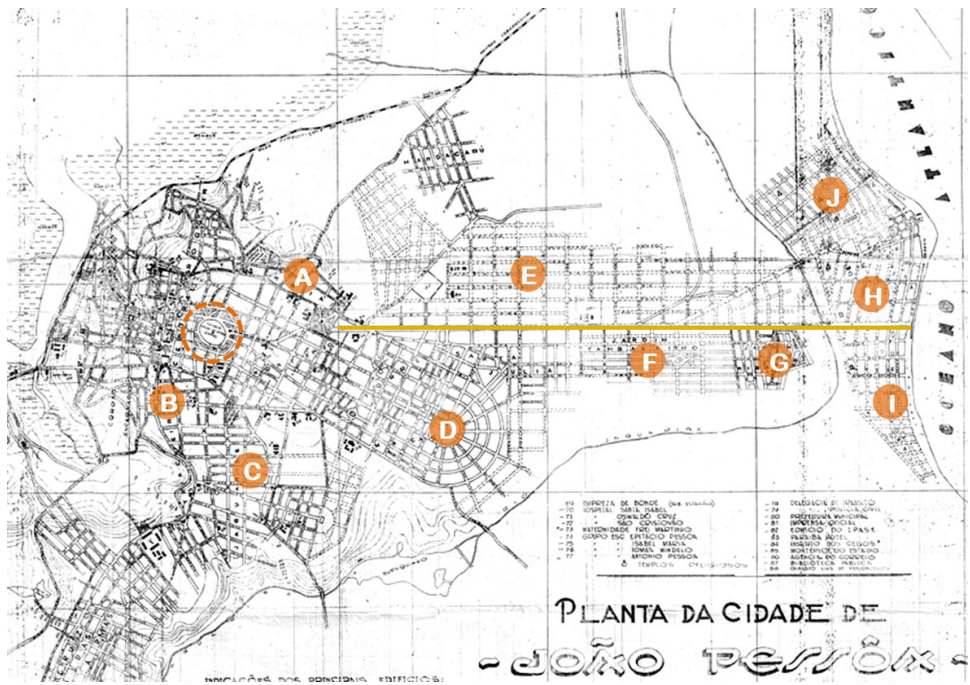


Figura 1
Mapa da cidade de João Pessoa datado de 1953. Destaque com círculo tracejado na área do Parque Solon de Lucena (a Lagoa), a partir do qual percebe-se a extensão da malha urbana em direção ao litoral. Av. Eptácio Pessoa (linha amarela); (A) Tambiá; (B) Trincheiras; (C) Jaguaribe; (D) Torre; (E) Bairro dos Estados; (F) Jardim Tambauzinho; (G) Jardim Miramar; (H) Tambau; (I) Cabo Branco; (J) Jardim Manaíra.
Fonte: PMJP, acervo público (editado pela autora).

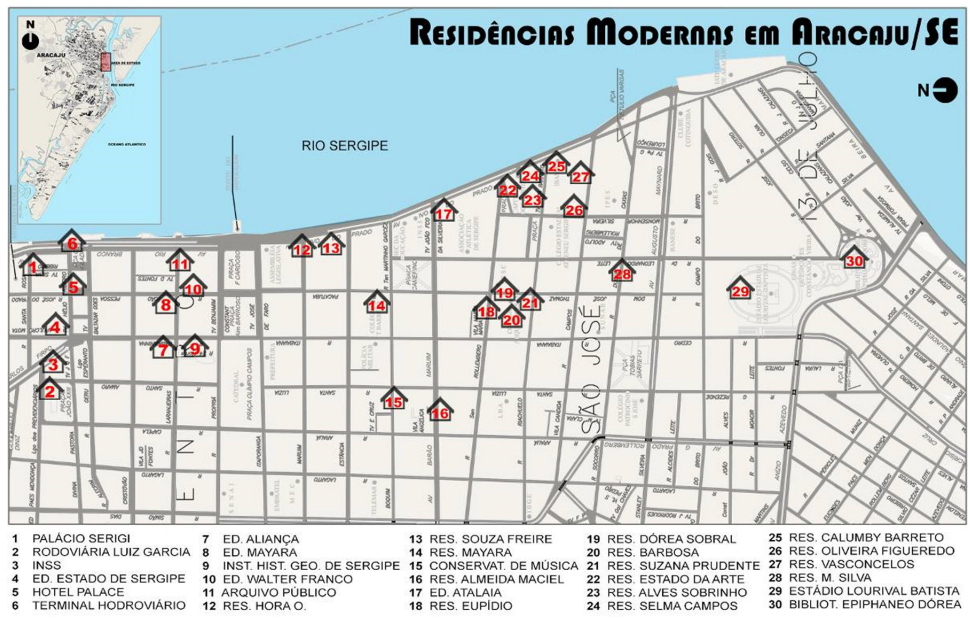


Figura 2
Trecho do mapa da cidade de Aracaju, recorte nos bairros Centro, São José e 13 de Julho nos quais foram identificadas exemplares de Arquitetura Moderna construídos entre 1950 e 1970 segundo levantamento de Nery (2003).
Fonte: Eliton Siqueira e Galdesson Santos, editado pela autora.

Os mapas (Figura 1 e Figura 2) ilustram o desenvolvimento da malha urbana de Aracaju (SE) e João Pessoa (PB) entre no final do século XIX até os anos 1960. Em João Pessoa as ações de modernização desse período visavam consolidar o centro da cidade como centro de negócios, o eixo de expansão Leste, conduzindo a consolidação dos bairros litorâneos (bairros de classe média e alta), e Sul (bairros de classe média e baixa). O levantamento feito em João Pessoa⁴ identificou obras de arquitetura moderna nos bairros de Miramar, Expedicionários, Tambaúzinho, Bairro dos Estados, Tambaú e Cabo Branco, bairros cujo processo de ocupação se consolidou entre as décadas de 1960 e 1970.

⁴ Para mais aprofundamento ver: Chaves (2008); Pereira (2008); Xavier (2011) e Chaves (2012).

Em Aracaju, o eixo de expansão privilegiado nesse período não era o litoral, mas bairros próximos ao centro da cidade que ajudaram a consolidar a expansão Sul (bairro São José e 13 de Julho, para citar alguns) com a criação de novos bairros a partir do traçado do Quadrado de Pirro⁵. Os eixos Oeste e Norte, abertos no início do século XX, continuam a expandir-se sendo ocupado pela população menos favorecida.

⁵ Como é conhecido o traçado em tabuleiro de xadrez definido pelo Engenheiro Sebastião Basílio Pirro para a cidade de Aracaju, em 1855, momento de sua fundação.

Dessa forma, essas cidades tinham em comum, a experiência de um processo de modernização que resultou em transformações urbanas a fim de construir a cidade moderna através de símbolos de modernidade como o edifício alto, o automóvel e a adoção de elementos formais (urbanísticos ou arquitetônicos) que demonstrasse alguma ruptura com as formas do passado: Colônia ou Império. Outro aspecto em comum a ser levado em consideração é a proximidade de ambos a importantes centros econômicos, políticos e culturais: Recife, para João Pessoa, e Salvador, para Aracaju. Diante do reconhecimento da presença de elementos característicos da arquitetura moderna brasileira na cena urbana local, ainda resta buscar a compreensão de como esses elementos são introduzidos a essa produção, como essa arquitetura funde-se com a busca de um ideal de modernidade, quais os possíveis personagens envolvidos nesse processo, são algumas dos caminhos que essa investigação visa apontar.

Ideias em Circulação

As décadas de 1950 e 1960 representam um período de forte difusão da arquitetura moderna em território nacional extrapolando o eixo hegemônico RJ-SP-MG e alcançando cidades médias nas demais regiões do país. Autores como Lara (2001; 2005) e Martins (1999; 2007) abordam a difusão o repertório moderno de arquitetura pelo país pontuando a produção

média, feita muitas vezes sem o arquiteto ou engenheiro, e que amplia a atuação do cliente na demanda por tal repertório. Ainda para estes autores, a produção residencial seria a grande responsável por essa difusão.

Qualquer pessoa que ande por uma cidade média no Brasil encontrará, se a intensa especulação imobiliária ainda não os tiver destruído, bairros residenciais construídos nos anos de 1950 em que se encontram inúmeras casas à la Niemyer” (MARTINS, 1999, p.20⁶).

Para Segawa (2002), essa difusão estaria relacionada a alguns fatores como a circulação de arquitetos formados no Rio de Janeiro e que fixam residência profissional em outras cidades⁷, abertura de Escolas de Arquitetura formando novos profissionais distantes dos centros hegemônicos e de revistas especializadas em arquitetura.

O exposto acima traz, sem dúvida, importante contribuição para compreender a circulação de ideias nesse período, contribuindo para o entendimento desse processo de difusão. No entanto, o processo de difusão e recepção da arquitetura moderna não deve ser investigado apenas através desses vetores, especialmente em cidades nas quais não circulavam revistas especializadas de arquitetura, ou nas quais muitas obras com traços dessa nova arquitetura eram assinadas por desenhistas ou engenheiros. Esse é o caso de cidades como Aracaju e João Pessoa, durante as décadas de 1950 e 1960, nas quais não circulavam revistas especializadas de arquitetura – nem se tem o registro de que fossem acessadas pelos profissionais e/ou parte da sociedade local –, nem tampouco havia Escola de Arquitetura local formando jovens arquitetos.

Então, o que ajudaria a entender como as ideias de uma arquitetura moderna figurando como símbolo de uma modernidade nacional puderam manifestar-se nessas cidades?

Nas cidades de Aracaju (SE) e João Pessoa (PB), destacam-se três aspectos relevantes no processo de circulação de ideias quanto à recepção e incorporação de uma linguagem de Arquitetura Moderna na cena local: a) grupos sociais locais de maior destaque na cena política, intelectual e econômica (importantes comerciantes) acompanhavam a cena política e cultural nacional e, assim como a modernidade nacional também estava representada pela Arquitetura Moderna – e Brasília é o maior símbolo, e cuja repercussão intensifica o processo de difusão dessa arquitetura no país – a modernidade local também a tem como símbolo

⁶ A tradução aqui utilizada foi retirada na coleção “Textos Fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira”, volume 2, editada por Abílio Guerra (2010, p.131-168).

⁷ Para citar alguns, Neudson Braga nasceu em Fortaleza e migrou para o Rio de Janeiro onde se graduou arquiteto e urbanista, retornando para Fortaleza onde fixa seu endereço profissional. Acácio Gil Borsoi (RJ), Mario Russo (Italiano) e Delfim Amorim (Português) são exemplos que arquitetos nascidos e formados em origens diversas que migram para Recife, onde fixam residência e ajudarão a fazer escola. A ideia dos “arquitetos peregrinos, nômades e migrantes” foi lançada por Segawa em texto público em 1980 (In: Arquiteturas no Brasil/ Anos 1980. São Paulo: Projeto, 1988, p. 9-13) e reafirmado em seu livro de 1998 (Arquiteturas no Brasil: 1900-1990).

de progresso, desenvolvimento e afirmação da cultura nacional; b) Na ausência de revistas especializadas de arquitetura, os jornais diários assumiram esse papel, particularmente na cidade de João Pessoa; c) A proximidade de ambas as cidades a centros urbanos de grande porte como Recife (para João Pessoa) e Salvador (para Aracaju) possibilitando trocas culturais constantes através de viagens e/ou profissionais arquitetos/engenheiros cujas residências profissionais eram nos centros maiores⁸, mas que atuaram em cidades de pequeno e médio porte, bem como arquitetos formados nesses centros que fixam em residência nos centros menores⁹.

⁸ Em João Pessoa, Carlos Alberto Carneiro da Cunha (PB), formou-se na ENBA de Pernambuco, radicou-se em Recife (PE) e atuou também na cidade de João Pessoa. Em Aracaju, o engenheiro e projetista baiano Rafael Grimaldi, radicado na Bahia, e que atuou em Aracaju.

⁹ Em João Pessoa, Mario di Lascio (PB), formou-se na ENBA de Pernambuco, radicou-se em João Pessoa (PB).

¹⁰ Recordamos aqui a versão recorrente na historiografia nacional do episódio da construção do prédio do Ministério da Educação e Saúde e o Ministro Capanema como o homem público que viabilizou a experiência moderna no Brasil endossado pelo projeto de modernização do país levado a cabo por Getúlio Vargas. O primeiro registro a marcar essa leitura foi o catálogo da exposição *Brazil Builds* (GOODWIN, 1943).

Em João Pessoa, em 1951, a imprensa local divulgava o projeto da nova sede da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) no Rio de Janeiro e destacava o reconhecimento internacional da arquitetura moderna brasileira em favor do reconhecimento nacional e o impulso pioneiro do homem público [Herbert Moses]¹⁰, que acreditou nessa nova arquitetura como símbolo do “progresso e evolução” e “bateu-se, quase sozinho, pela adoção do traçado em seu conjunto”, haja vista a reação do Júri à “fachada, de arrojado estilo moderno”. O autor da nota defende, ainda, que a decisão tomada pelo presidente da ABI seria comprovada pela crítica internacional que

Para confirmar sua antevisão do sucesso daquele estilo arquitetônico [sic], as grandes revistas especializadas de todo o mundo iriam apontar o caráter exemplar do edifício. A última edição da Enciclopédia Britânica publica a sua fotografia como modelo de estilo. Uma publicação técnica daria a seguir definição da sede [sic] da Casa do Jornalista: - “The most dignified modern building in the world”.

A Associação Brasileira de Imprensa se afirmará pioneira da construção em arte moderna, não só no Rio de Janeiro, mas em toda a América do Sul. (A CASA do..., 1951, p.5).

Ao passo que os jornais locais traziam tais iniciativas e ações de renovação da arquitetura em nível nacional, a transformação da paisagem da cidade também era reportada e exaltada pela adoção de formas e programas filiados à arquitetura moderna brasileira. Assim, “a fisionomia da cidade está aos poucos se modificando [...]. Os velhos prédios vão caindo, sendo substituídos por edifícios modernos, de linhas alegres e arrojadas”.

Neste mesmo ano foi concluída a obra da sede do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE), “o belo edifício, hoje o mais majestoso desta capital” (O EDIFÍCIO do..., 1951, p.3). O resultado de sua presença na paisagem urbana era divulgado nos jornais locais como motivo de orgulho para o pessoense que presenciava o crescimento da “urbs”.

Logo ali mesmo, no Ponto de Cem Réis, estava o edifício do IPASE, como um enorme monstro quadrado, num planejamento de novas perspectivas, de formas ideais de criação artística (MOVIETONE..., 1953, p.04).

As características formais e construtivas do novo prédio foram expressas no livro de Registro Geral, do Serviço de Registro Imobiliário da Zona Sul, datado de 1996 – ano de aquisição do terreno – onde é descrito como “edifício todo construído em cimento armado, **estilo profissional brasileiro**, constituído de grandes colunas de concreto em toda sua altitude, fachada lisa, com tijolos de vidro [...]” (grifo nosso). Outras características listadas ajudam a definir esse “estilo profissional” cujo projeto incluiria novos materiais e recursos técnicos como “esquadrias de vidro e venezianas na parte superior das portas”, “quebra-sol de movimento vertical no vazio da área descoberta interna” [...], “janelões de vidro para iluminação direta de todas as suas dependências [...]”.

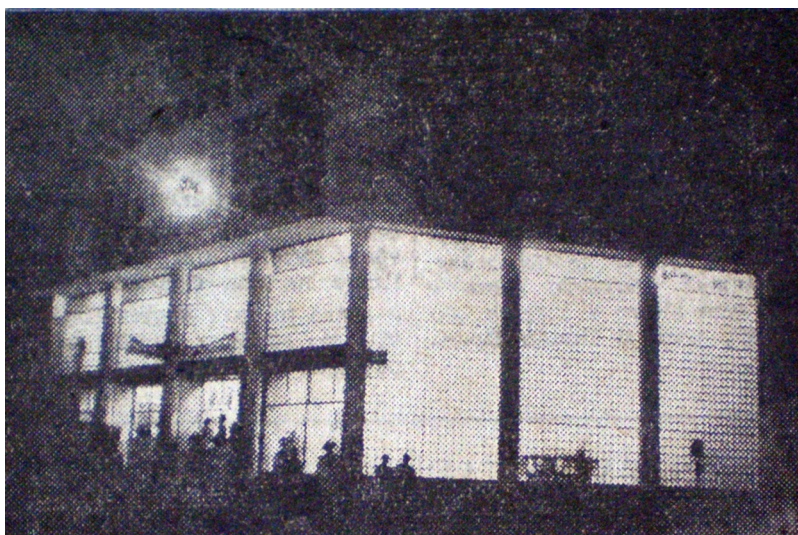


Figura 3

Vista noturno do edifício do IPASE. João Pessoa (PB).

Fonte: NOTURNO do..., 1952, p.2.

O edifício do IPASE introduz uma linguagem arquitetônica incomum à paisagem da cidade. De fato, o processo de depuração formal já se desenvolvia em experiências *art déco* das décadas de 1920 e 1930, no entanto, não se trata apenas de racionalização da forma, mas da introdução de um processo construtivo que apresentava o concreto como material construtivo, a planta livre, a estrutura de pilotis aparente, a fachada livre exposta pelo plano de vidro em destaque na imagem noturna (Figura 3). Nos anos 1950's, serão construídas as primeiras casas com repertório moderno: pilotis, a caixa prismática, elementos de adequação climática como cobogós e *brise-soleil* etc.

Assim também pôde ser constatado em Aracaju, cujas primeiras residências modernas datam de 1952.

Outro tema importante para construção da imagem dessa cidade moderna, que se queria "Metrópole", era o edifício alto. A verticalização, nessas cidades, não aconteceu, em um primeiro momento, por necessidade de adensamento, mas pelo desejo de incorporar à cena urbana de cidades em desenvolvimento um símbolo de progresso e de modernidade, para tanto Somekh¹¹ (1997) utiliza o termo "urbanismo modernizador". Esse processo foi semelhante nas duas cidades¹² e o edifício alto incorporado como símbolo do centro de negócios e modernidade quanto ao programa residencial ao introduzir o morar moderno em apartamentos. Assim, o edifício alto surgiu tanto em João Pessoa quanto em Aracaju associado a um novo modo de morar e ambos no final da década de 1950.

¹¹ SOMEKH, Nadia. *A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador (1920-1939)*. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1997.

¹² Sobre verticalização em João Pessoa: Chaves (2008). Sobre verticalização em Aracaju: Menezes (2008).

¹³ Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários.

O primeiro edifício alto em João Pessoa (Figura 4), com 18 andares, foi construído entre 1957-1960 (Ed. Presidente João Pessoa) sobre iniciativa do IAPB¹³ e dividia seu programa em uso institucional e uso residencial. A obra de autoria do arquiteto carioca Ulysses Burlamaqui inovava não apenas em seu programa (misto), em sua técnica construtiva (executada anteriormente apenas no prédio do IPASE, com 09 pavimentos) e reafirmava a linguagem moderna carioca na cena urbana local como símbolo de modernidade, arrojo e progresso (jogo de volumes prismáticos distinguindo funções, uso de cobogó e *brise-soleil* como elementos de adequação climática). Esse edifício permanece ainda como o mais alto do centro da capital paraibana.

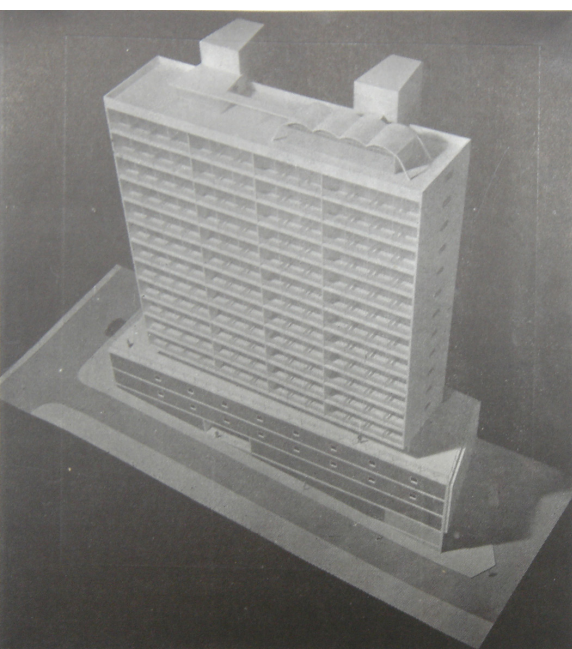


Figura 4
À esquerda, Maquete Ed. Pres. João Pessoa (1957). João Pessoa (PB) Fonte: Revista dos Bancários (1958), editado pela autora (2008). À direita, Ed. Atalaia (1957-1958). Aracaju (SE).
Fonte: Montagem, acervo pessoal da autora, 2017.

No mesmo ano (1957), em Aracaju, também na área central, foi construído um edifício residencial de 11 andares (Ed. Atalaia) e colunas em "V", projeto do engenheiro civil e projetista baiano Rafael Grimaldi (responsável também por outras importantes obras desse período) e executada pelo engenheiro João Machado Rollemgber. A execução do Ed. Atalaia (Figura 4) em Aracaju reafirmava sua modernidade pelo feito de erguer-se sobre terreno alagadiço e arenoso, sendo o "primeiro testemunho da entrada de modernas técnicas de construção na cidade, em especial no desenvolvimento da tecnologia de fundações" (NERY, 2003, p.3).

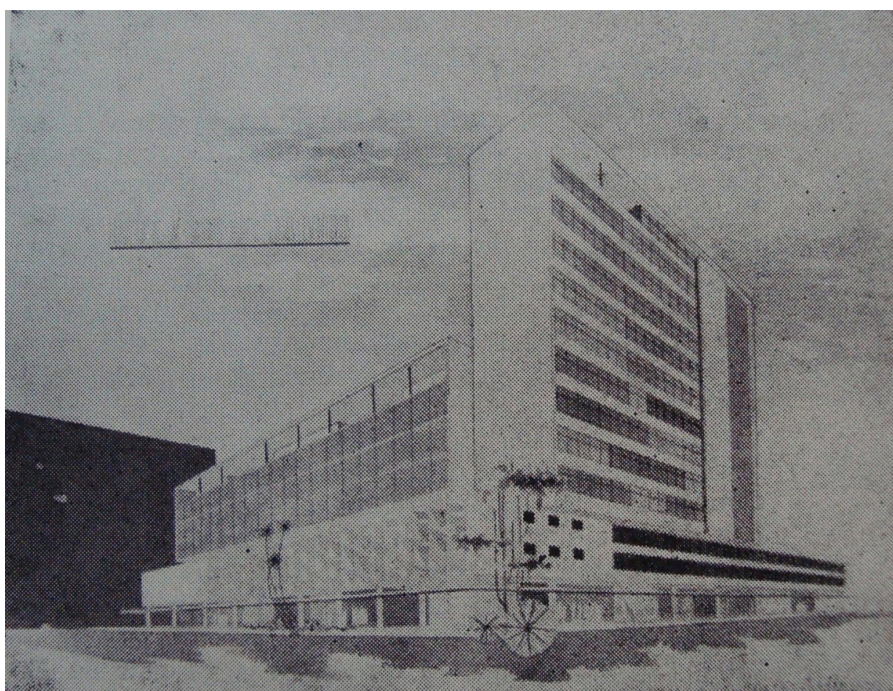


Figura 5
Hotel Palace (1962). Aracaju (SE).
Fonte: Revista da Associação Sergipana de Imprensa.

Após a construção do Ed. Atalaia, os jornais noticiam com entusiasmo a construção e inauguração do Hotel Palace (1962)¹⁴ (Figura 5), também autoria do engenheiro baiano Rafael Grimaldi, que corresponde à tipologia do edifício alto introduzindo inovação no programa hoteleiro local como o primeiro hotel vertical da cidade, além de materializar os investimentos e incentivos governamentais ao turismo. Os jornais noticiavam:

O Hotel Pálace [sic] é o mais arrojado empreendimento como obra material do atual Govêrno [sic], capaz de oferecer hospedagem de alto nível em nossa Capital e assim atrair homens de negócios, turistas, políticos e visitantes de

¹⁴ Acessado em <http://hotelpalacetur.tumblr.com/archive>.

alto gabarito, que poderão promover investimentos e contribuir para a melhoria econômica e social do nosso Estado. (AMANHÃ inauguração..., 1962, p.1).

A primeira [O Hotel Palace] resulta dum [sic] imperativo do nosso progresso e desenvolvimento econômico sabido como é que um hotel confortável e moderno estimula o turismo, facilitando a visita dos investidores de capitais, daqueles que têm em mira desenvolver a área dos seus negócios (GOVÉRNO inaugura...,1962, p.1).

15 Nesse momento, as considerações que se pode fazer sobre o papel dos jornais em Aracaju na difusão e recepção da arquitetura moderna nesta cidade ainda são preliminares, uma vez que as pesquisas nos jornais de Aracaju ainda continuam.

Os jornais locais¹⁵ acompanham e noticiam com entusiasmo as novas ações de modernização que vão sendo implementadas na cena urbana, no entanto, entre o teor das notícias veiculadas em jornais locais de João Pessoa e Aracaju, percebe-se na primeira um discurso de modernização ressalta não apenas os avanços de técnicas construtivas, mas também elementos estéticos e compositivos inseridos na linguagem de arquitetura moderna no Brasil destacando figuras como a dos arquitetos cariocas Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Irmãos Roberto e Afonso Reiddy, além de artigos sobre Arte Moderna escrito por José Lins do Rêgo. Por outro lado, os jornais locais em Aracaju destacam a importância dessas obras principalmente quando de iniciativa pública e suas repercussões na economia local. Assim, o Hotel Palace (iniciativa governamental) foi noticiado com muito mais entusiasmo o atenção que o Edifício Atalaia (iniciativa privada e primeiro edifício a romper com o gabarito de até 05 pavimentos que se tinha até aquele momento).

Arquitetura Moderna: João Pessoa (PB) e Aracaju (SE)

A ação institucional e de importantes comerciantes locais contribuíram para a introdução, em ambas as cidades, de obras com uma linguagem formal moderna bastante fiel ao repertório de formas da arquitetura moderna produzida no Rio de Janeiro, e por arquitetos formados nessa escola, nos anos 1940-1950 (Figura 6 e Figura 7). São exemplos marcantes desse período os edifícios Agência Central do Banco do Estado da Paraíba (1954?, Arq. Acácio Gil Borsoi), IPASE (1949-51), Pres. João Pessoa (1957-60, Arq. Ulysses Burlamaqui), Sede do DER (1958, Leonardo Stuckert), Sede do IAPI (1966, Arq. Adauto S. Ferreira), todos em João Pessoa-PB, e Ed. Atalaia (1957-58, Eng. Rafael Grimaldi), Centro Administrativo Walter Franco (1957, Eng. Rafael Grimaldi), Terminal Rodoviário Gov. Luiz Garcia (1960-62, Eng. Rafael Grimaldi), Hotel Palace (1960?-62, Eng. Rafael Grimaldi), em Aracaju-SE.

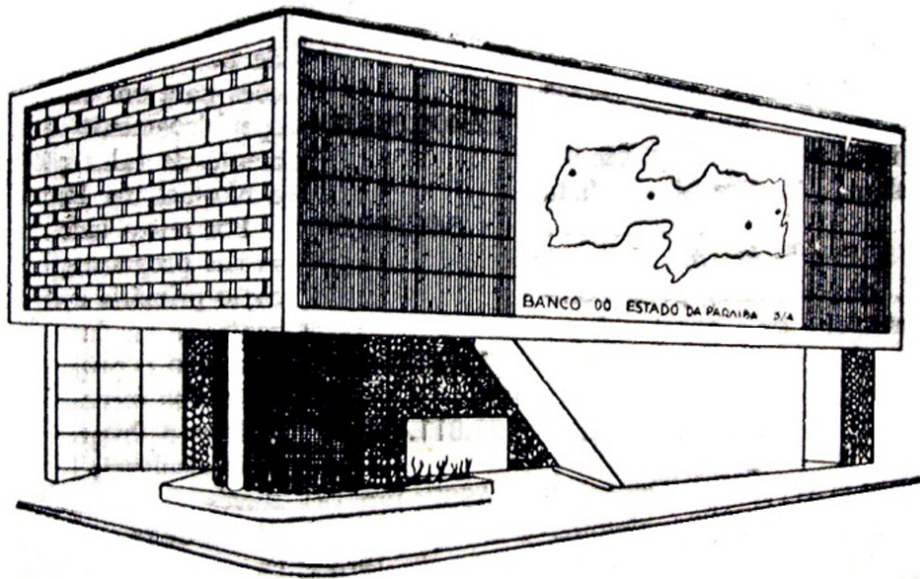


Figura 6
 Agência Central do Banco do Brasil. Arq. Acácio Gil Brosoi, 1954(?). João Pessoa (PB).
 Fonte: 71 ANOS..., 1963, p. 27.



Figura 7
 À esquerda, Edifício Walter Franco, 1957. Eng. Rafael Grimaldi. Aracaju (SE).
 À direita, Estação Rodoviária Gov. Luiz Garcia, 1960. Eng. Rafael Grimaldi.
 Aracaju (SE).
 Fontes: Aragão, 2011 (publicação autorizada pela autora) e Instituto Tobias Barreto.

Ao passo que tais obras eram construídas, inovações formais e técnicas também iam sendo introduzidas à paisagem urbana através da construção de residências. Como já mencionado, Martins (1999) acredita ser através desse programa que a linguagem moderna de arquitetura de fato se difunde e se consolida

nas cidades médias brasileiras em desenvolvimento nos anos 1950. Nesses casos, o repertório moderno era introduzido como valor e símbolo de modernidade: a caixa prismática, os finos pilares, lajes planas, pilares e “V”, telhados de uma água, telhados “borboleta”, elementos vazados (cobogó) etc.

¹⁶ A produção de Arquitetura Moderna e, mais particularmente, as Residências Modernas foram objeto de trabalho de pesquisas como: *Difusão da Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa 1956-1974* (Fúlvio Pereira, 2008), *Casas Modernas na Orla Marítima de João Pessoa 1960 a 1974* (Roberta Xavier, 2011) e *Casa (moderna) brasileira: Difusão da arquitetura moderna em João pessoa 1950-60's* (Carolina Chaves, 2012).

O estudo das residências modernas em João Pessoa¹⁶ resultou em 23 exemplares, que se distribuem entre as décadas de 1950, 9 exemplares, e 1960, 15 exemplares. Todos os projetos registrados foram projetados por profissionais habilitados arquitetos e engenheiro (apenas uma obra de autoria de engenheiro). Nesse levantamento não foram encontradas edificações que incorporassem elementos formais ou construtivos do repertório de arquitetura moderna cuja autoria fosse de profissionais não habilitados (desenhistas ou outros).

¹⁷ Para aprofundamento: *Arquitetura Moderna na Aracaju dos anos 1940 e 1970* (Isabella Santos, 2011) e *Olhar aproximado para as residências Souza Freire e Hora Oliveira: bens modernistas de interesse cultural* (Josinaide Maciel, 2013).

A investigação sobre a produção de residências modernas em Aracaju apoiou-se em estudos desenvolvidos em 2003, pela professora Juliana Nery com seus alunos de graduação. Esse trabalho é o levantamento mais detalhado que se tem hoje sobre uma produção que já sofre danos irreparáveis. Apesar de identificar duas dissertações de mestrado sobre o tema¹⁷, essa é uma temática que ainda demonstra espaço para pesquisas mais aprofundadas, pois o cruzamento de dados desses levantamentos permitiu enxergar algumas lacunas e, avançando um pouco, investigar a essa recepção do repertório de arquitetura moderna brasileira como um processo nacional referindo-o e colocando-o em paralelo a outros contextos. Através da análise desses levantamentos e de pesquisa de campo é possível analisar a produção residencial moderna em Aracaju através de 38 projetos, dos quais 11 foram construídos na década de 1950 e 27 foram executados na década de 1960 (NERY, J.; SANTOS, I., 2007).

Analisando o conjunto dessa produção é possível perceber que as residências da década de 1950 (Tabela 1) apresentam uma linguagem muito próxima à produção de arquitetura moderna realizada no Rio de Janeiro, em particular pelo uso das caixas prismáticas sobre pilotis, a geometria trapezoidal, o programa organizado em dois pavimentos (em geral com os quartos no andar superior), uso de mezanino, uma água ou duas águas invertidas (telhado borboleta) e o uso de elementos de adequação climática como cobogó, venezianas e as varandas. Esses aspectos são comuns para a produção identificada tanto em João Pessoa quanto em Aracaju, ficando a maior ou menor habilidade em usar tais elementos a cargo do autor do projeto.

RESIDÊNCIAS DA DÉCADA DE 1950

JOÃO PESSOA (PB)



Res. Cassiano Ribeiro Coutinho (1955).
Arq. Acácio Gil Borsoi.
Fonte: Revista AU, 1999



Res. Cassiano Ribeiro Coutinho (1955)
Arq. Acácio Gil Borsoi.
Fonte: Revista AU, 1999



Res. Joaquim Augusto (1957).
Arq. Acácio Gil Borsoi.
Fonte: acervo pessoal Mércia Rocha (publicação autoria pela autora).



Res. Renato Ribeiro (1958)
Arq. Acácio Gil Borsoi
Fonte: PEREIRA, 2008 (publicação autorizada pelo autor)

ARACAJU (SE)



Res. Maria Melo (1952)
Desenhista Walter Barros.
Fonte: Danielle Menezes, 2007 (publicação autorizada pela autora).



Res. Eupído Teixeira (1955-56).
Arq. Baiano não identificado.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2017.



Res. Hora Oliveira (1956)
Arq. Carioca não identificado
Fonte: acervo pessoal da autora, 2016



Res. Souza Freire (1958).
Desenhista Walter Barros.
Acervo pessoal da autora, 2016.



Res. Austregésilo de Freitas (1958?)
Arq. Acácio Gil Borsoi.

Fonte: acervo pessoal Lia Tavares (publicação autorizada pelo autor)



Res. Dórea Sobral (1958)
Desenhista Walter Barros (?)
Acervo pessoal da autora, 2017.



Res. Lourenço de Miranda Freire (1958)
Arq. Mario di Lascio
Fonte: acervo pessoal, 2007.

Tabela 1
Residências Moderna construídas
em João Pessoa (coluna esquerda)
e Aracaju (coluna direita) na década
de 1950.

A década de 1960 foi um período singular para a cidade de Aracaju pela descoberta de petróleo no Estado e a instalação da Petrobrás em Aracaju, o que trouxe um maior dinamismo à economia local. Para Nery (2003), esse fato seria o responsável por um forte desenvolvimento econômico e urbano desse município, que teria reflexo no expressivo aumento do número de residências modernas construídas em Aracaju nesta década somando 27 exemplares, dos quais 05 são de autoria de arquiteto ou engenheiro. No entanto, a década de 1960 foi um período de fortes investimentos federais na região Nordeste, incentivos e investimentos noticiados nos jornais locais, beneficiando não apenas Aracaju, mas outras capitais como João Pessoa. Nesse período o número de residências modernas projetadas, em João Pessoa, por arquitetos ou engenheiros foi de 15 exemplares. É importante destacar ainda que esse período será fortemente marcado e influenciado pela inauguração da capital Federal, assim será possível perceber que elementos formais de alguns prédios em Brasília são incorporados à linguagem local, a exemplo da Res. de veraneio de Renato Macario (1965) de autoria do Eng. Walter Vinagre, que utilizou colunas em mesmo formato que as do Palácio da Alvorada (o que em valor pode ser comparado ao pilar em "V" que tanto chama a atenção na década anterior).

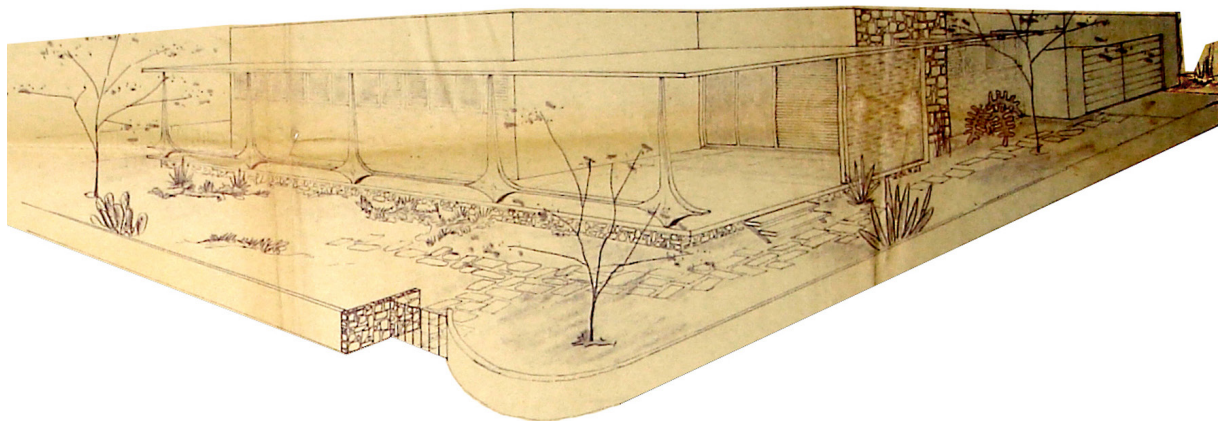
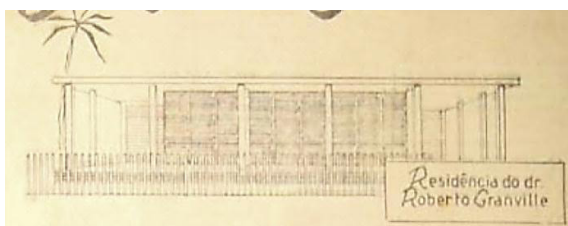


Figura 9
Res. Renato Macario (1965). Eng. Walter Vinagre. João Pessoa (PB).
Fonte: PMJP, editado pela autora, 2012.

Algumas mudanças já podem ser identificadas entre a produção da década de 1950 e a produção de 1960 (Tabela 2), a exemplo da organização do programa em apenas um pavimento enfatizando a horizontalidade, que esse período pode sinalizar uma maior aproximação à produção paulista deste mesmo período (em detrimento de uma anterior filiação carioca) ou, mais uma vez, a apropriação da linguagem dos palácios de Brasília (Res. Roberto Granville, 1960; Otacílio Vieira Campos, 1966).

RESIDÊNCIAS DA DÉCADA DE 1960

JOÃO PESSOA (PB)



Res. Roberto Granville (1960)
Arq. Mário Di Lascio.
Fonte: PMJP, editado pela autora

ARACAJU (SE)



Res. Vasconcelos (1960)
Desenhista Murilo Barreto
Fonte: NERY et al, 2007 (publicação autorizada pela autora).



Res. João Cavalcante (1959/60?)
Arq. Mário Di Lascio.

Fonte: PEREIRA, 2008 (publicação autorizada pelo autor)



Res. Suzana Prudente (1960).
Desenhista Walter Barros

Fonte: NERY et al, 2007 (publicação autorizada pela autora)



Res. Mario di Lascio (1960?)

Arq. Mário Di Lascio
Fonte: acervo pessoal, 2007.



Res. M. Silva (1960)

Autoria não identificada
Fonte: NERY et al, 2007 (publicação autorizada pela autora).



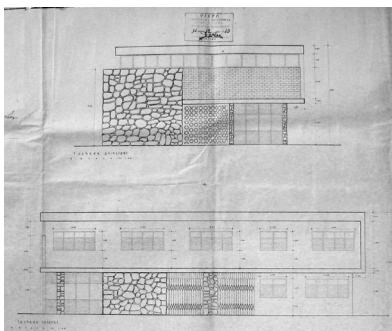
Res. Luiz Carrilho (1962?)

Arq. Tertuliano Dionísio
Fonte: acervo pessoal da autora, 2017



Res. Calumby Barreto (1960/62)

Desenhista Walter Barros
Fonte: acervo pessoal da autora, 2017



Res. José Bronzeado Sobrinho (1963)

Arq. Mário Di Lascio
Fonte: PMJP, editado pela autora



Res. Selma Campos (1960/66)

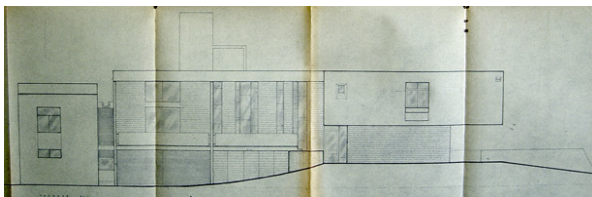
Desenhista Murilo Barreto
Fonte: acervo pessoal da autora, 2017



Res. Adriaão Pires (1963)
Arq. Carneiro da Cunha (co-autoria: Mário Di Lascio)
Fonte: acervo Carneiro da Cunha (publicação autorizada pelo autor)



Res. Oliveira Figueiredo (1963/64)
Eng. Sílvio Sobral Santos
Fonte: Eliton Siqueira, 2016 (publicação autorizada pelo autor)



Res. Jorge Ribeiro Coutinho (1965)
Arq. Carlos Alberto Carneiro da Cunha
Fonte: PMJP, editado pela autora



Res. Barbosa (1962?)
Arq. Osíris
Fonte: acervo pessoal da autora, 2017



Res. Otacílio Vieira Campos (1966)
Arq. Acácio Gil Borsoi
Fonte: acervo pessoal Mércia Rocha (publicação autorizada pela autora)



Res. Alves Sobrinho (1964/66)
Desenhista Walter Barros
Fonte: acervo pessoal da autora, 2017



Res. Estado da Arte (1968)
Autoria não identificada
Fonte: acervo pessoal da autora, 2017

Tabela 2
Residências Modernas construídas em João Pessoa (coluna esquerda) e Aracaju (coluna direita) na década de 1960.

Nesse sentido, reitera-se aqui que a aproximação à produção de arquitetura moderna em Aracaju é ainda um trabalho especulativo de levantamentos e cruzamento de fontes colocando essa produção em paralelo com o mesmo processo desenvolvido em outra cidade de médio porte em desenvolvimento em meados do século XX. No entanto, embora especulativa, esse olhar paralelo entre a produção moderna de arquitetura em João Pessoa e em Aracaju têm processos, procedimentos e agentes semelhantes, que se alinha no desejo de construir uma cidade moderna, à medida que seu espaço público e sua arquitetura refletissem progresso e desenvolvimento adotando símbolos de modernidade que, dentre outros elementos, estavam impressos em um repertório reconhecível de uma Arquitetura Moderna Brasileira. Ficam, portanto, caminhos abertos para o aprofundamento de algumas das questões e das miradas construídas aqui.

Referências

CHAVES, C. *João Pessoa: verticalização, progresso e modernidade. Registro dos prédios altos (1958-1975)*. Trabalho Final de Graduação. João Pessoa, CAU/UFPB, 2008.

CHAVES, C. *Casa (moderna) brasileira: Difusão da arquitetura moderna em João pessoa 1950-60's*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2012.

GOODWIN, P. *Brazil Builds. Architecture new and old 1652-1942*. New York, Modern Art Museum, 1943.

GUERRA, A. (Org.). *Textos Fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira: 1*. São Paulo: Romano Guerra: 2010.

LARA, F. *Espelho de Fora: arquitetura brasileira vista do exterior*. Revista Eletrônica Vitruvius (Arquitextos), Setembro, 2000, acessado em Fevereiro 20, 2010. <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp012.asp>.

LARA, F. *Popular Modernism: an analysis of the acceptance of modern architecture in Brazil*. 2001. Phd Diss., University of Michigan, Michigan.

LARA, F. *A insustentável leveza da modernidade*, Revista Eletrônica Vitruvius (Arquitextos), Fevereiro, 2005, acessado em fevereiro, 2010. <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp276.asp>.

MARTINS, C. *Hay algo de irracional. Apuntes sobre la historiografía de la arquitectura brasileña*, Block Revista de La Cultura de La Arquitectura La Ciudad y El Territorio (1999): 8-22.

MARTINS, C. O Fixo e o Fluxo. Arquitetura na fronteira entre o construído e o sócio-cultural. In: FELDMAN, S.; FERNANDES, A. *O Urbano e o Regional no Brasil Contemporâneo*. Salvador: EDUFBA / FEUNESP/ ANPUR, 2007.

MENEZES, M. *A verticalização na cidade de Aracaju: surgimento, desenvolvimento e estagnação do processo de verticalização no bairro centro da capital sergipana 1951/1999*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

NERY, Juliana. *Registros: As Residências Modernistas em Aracaju nas Décadas de 50 e 60*. Artigo apresentado no V Seminário DOCOMOMO Brasil, São Carlos-SP, Outubro 27-30, 2003, acessado em Junho 06, 2010. <http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/079R.pdf>.

NERY, Juliana; ARAGÃO, I. Expressões do moderno sergipano: as residências unifamiliares do bairro São José nos anos 50 e 60. In: MOREIRA, F. (Org.). *Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. Recife: Fasa Gráfica, 2007.

PEREIRA, F. *Difusão da Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Escola de Engenharia de São Carlos/ USP, São Paulo, 2008.

SANTOS, I. *Arquitetura Moderna na Aracaju dos anos 1940 e 1970*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), FAUFBA, Salvador, 2011.

SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SEGAWA, H. Arquitetos Peregrinos, nômades e migrantes. In: *Arquiteturas no Brasil/Anos 80*. São Paulo: Projeto, 1988, p.9-13.

SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, C. *Espaços públicos fortes: transformações e ressignificações do centro da cidade de Aracaju*. São Cristóvão: Editora UFS: 2014.

Vidal, W.; SOUSA, A. *Sete plantas da capital paraibana 1858-1940*. João Pessoa: Editora Universitária, 2010.

WOLF, J. Documento: Acácio Gil Borsoi. *AU (Arquitetura e Urbanismo)*, São Paulo, nº 84, p.35-41, jun./jul. 1999.

XAVIER, Roberta. "Casas Modernas na Orla Marítima de João Pessoa 1960 a 1974". 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), PPGAU/UFRN, Natal.

Jornais:

71 ANOS a serviço da cultura paraibana, *Jornal A União*, João Pessoa, p. 27, 02 fev. 1963.

A CASA do Jornalista e seu esforçado presidente. *Jornal A União*, João Pessoa, p.05, 06 jun. 1951.

AMANHÃ inauguração do Hotel Palace e do Centro de Reabilitação. *Jornal A Cruzada*, Aracaju, p.1, 23 e 24 jun. 1962.

GOVÊRNO inaugura (dia 24) Hotel Palace e Centro de Reabilitação. *Jornal A Cruzada*, Aracaju, p.1, 18 jun 1962.

MOVIETONE da cidade visto de uma lotação. Jornal *A União*, João Pessoa, p.04, 29 jul. 1953.

NOTURNO do 'Ponto de Cem Réis'. Jornal *A União*. João Pessoa, p. 02, 07 set. 1952.

O EDIFÍCIO do IPASE. Jornal *A União*, João Pessoa, p.03, 2 fev. 1951.